

MILTON

HATOUM

PONTOS
DE FUGA



COMPANHIA DAS LETRAS



1.

Colégio Marista, Vila Mariana, São Paulo,
14 de dezembro, 1972

«O peregrino procura abrigo?», perguntou o professor Verona, observando a sacola da Dinah.

O cabelo loiro, agora ralo e sem brilho, parecia palha seca. Antonio Verona sofrera um infarto em setembro, mas em março ia retomar as aulas de história.

Contei por alto o rompimento com meu pai e a fuga de Brasília, queria prestar exames para ingressar na USP e procurava um lugar para passar uns dias.

Pedi que o esperasse ali mesmo, perto da escada: ele ia conversar com o diretor do colégio.

Viagem insone de Goiânia a São Paulo. Amanhecia sob o céu baixo e sem inocência da rodoviária. A cobertura de acrílico colorido refletia uma luz difusa na plataforma. O cheiro de óleo e fumaça, os mendigos largados no chão, as chamadas de embarque e as palavras de despedida da minha mãe na Flor do Paraíso lembravam a noite da viagem com meu pai a Brasília.

Ainda era muito cedo para falar com Antonio Verona. Numa tarde de 1967, quando ele levou os alunos a um «passeio histórico» pelo centro da capital paulista, visitamos o Pátio do Colégio e o mosteiro dos beneditinos, andamos até a Estação

da Luz e, a caminho da Estação Júlio Prestes, o professor Verona apontou a fachada velha, desbotada de um edifício: «Essa imitação do estilo vitoriano é uma das sedes da polícia política.»

Na rodoviária li as anotações da última noite no apartamento do embaixador Faisão: o bate-boca com Fabius na presença do diplomata desnorteado, bebendo vinho francês, oferecendo uma taça ao filho, pedindo-lhe calma: «Um pouco de razão na tormenta, filho, um brinde a todos os poetas», e a voz do Fabius me acusando de ter feito uma orgia com Ângela na cama dos pais dele. «Dinah sabe disso? Você enganou todo mundo, Martim, e ainda sugou a inteligência do meu pai. Sabe o que Ângela escreveu na carta? Leu as palavras sujas, o erotismo de puta insaciável? Cai fora amanhã cedo, minha mãe não quer te ver mais aqui. A gente vai conversar sobre isso na reunião da *Tribo*.»

Fabius jogou o vinho na pia, puxou o pai pelos braços, queria arrastá-lo à força para o quarto, mas o diplomata resistiu, desgarrou-se do filho, encheu a taça, fez um brinde às palavras eróticas e sujas da Ângela e chamou o filho de covarde. Passei a tarde da segunda-feira com a Dinah e não me reuni com o pessoal da *Tribo*. Agora Fabius deve estar em cana, não sabe que eu furtei do embaixador duas garrafas de tinto, livros... Tomei o vinho com a Dinah, antes do amor na tarde de tempestade; agora parecem longe essa tarde e a fuga na quarta-feira para Goiânia, ainda sinto culpa por ter faltado à reunião da *Tribo*, mas nenhum remorso por não ter falado com meu pai.

De noite vim de táxi à Vila Mariana, telefonei para o professor Verona, eu estava perto do colégio e queria conversar com ele. Sugeriu que eu entrasse pela porta lateral.

Voltou em menos de meia hora: eu podia dormir e comer na ala dos internos, onde moravam dois estudantes da Escola

Politécnica. Subimos ao último andar, atravessamos um longo corredor espaçoso, com janelões para o pátio. O jantar seria servido às sete. Verona me apresentou aos dois estudantes: um baixinho imberbe, sério; as sobrelhas peludas, com longos fios em desalinho, lembram as do pai da Dinah. O outro, cabelo fino e amarelo até os ombros, sorriso persistente no rosto espinhento, é alto, desconjuntado, corcunda. Braços longos: as mãos ossudas e inquietas tocavam o joelho. Olhos de cavalo.

Ambos pareciam perplexos com a minha fome ou apatia. O Corcunda risonho não revelou sua origem; o outro vinha de São José do Rio Preto. Estagiavam numa construtora e passavam o dia fora; o Corcunda quis saber de onde eu era e o que estudava. Disse poucas palavras e saí do refeitório.

Uma e vinte da madrugada. Os quartos dos dois estudantes estavam escuros, arrumei os livros de Brasília na estante de fórmica, deixei a roupa e os objetos na sacola da Dinah. Como é estranho voltar cinco anos depois a minha cidade e ocupar um quartinho deste colégio. Quando estudava aqui, o dormitório era inacessível aos externos; o refeitório e o banheiro são coletivos, os cubículos, alinhados entre corredores. Os internos eram os mais temíveis, andavam em bandos, brigavam, recebiam punições severas; dois deles, depois de uma luta com canivetes, foram expulsos e retornaram a uma cidade do interior. Conteí isso quando a gente morava no apartamento da rua Tutoia, os dois eram da minha sala. Meu pai fez um sermão: aqueles alunos eram vândalos, e os pais, irresponsáveis. Minha mãe apenas olhava Rodolfo, talvez pensando no amante, o artista.

Uma única lâmpada, fraca, acesa no saguão; o relógio iluminado da torre da igreja parou ao meio-dia ou à meia-noite.

Meus amigos dormem numa cela de Brasília.

Onde estaria o Nortista?

Colégio Marista, São Paulo, janeiro, 1973

«Por pouco a polícia não prendeu minha filha. Foi interrogada e humilhada por sua causa. Não telefone mais para cá.»

Voz raivosa do pai da Dinah. O Nariz de Berinjela deve fazer plantão noturno ao lado do aparelho; nas outras tentativas, em noites alternadas, ele escutava minha voz e ficava mudo. Um rato escondido. Depois batia o telefone.

Macuco, Santos, janeiro, 1973

Cheiro de maresia, lodo e escamas no ar úmido. O canal, as casas do Macuco e as serras escurecem. A mesma castanheira no jardimzinho, a mesma palmeira-imperial espichada no quintal dos fundos; as tábuas da fachada do chalé, pintadas de azul, descoraram; agora uma grade com pequenas argolas de ferro protege a janela da sala. No canto do pátio um gato amarelo e preto saltou de uma cadeira de vime. Toquei a campainha: o corpo da Delinha surgiu por trás da grade e ela gritou o nome da patroa; minha avó passou pela sala: vi no pátio um rosto sério, que aos poucos se enterneceu e sorriu. A mão magra da Ondina apalpou meu rosto, como se o olhar não bastasse para reconhecê-lo, depois Delinha e a patroa me abraçaram e choraram.

A bússola prateada alemã sobre uma mesinha; na parede, o mapa da ilha de Santos e uma fotografia: o menino e o avô abraçados diante do aquário da Ponta da Praia. Falei um pouco da minha vida em Brasília e do curso de arquitetura na UnB, agora queria continuar os estudos na USP.

«E o teu pai?», perguntou Ondina, ansiosa, fingindo desprezo pelo ex-genro.

«Rodolfo vai ficar por lá. Ele e um sócio constroem casas na beira do lago.»

«Lago em Brasília?»

«Um lago artificial...»

Ondina riu: «Essa é boa! Constrói casas na beira desse lago artificial. Minha filha largou teu pai, mas ele acabou lucrando com a separação.»

Delinha serviu a sopa de couve com pedaços de toucinho e pão torrado, depois rondou a mesa até encostar na parede.

«Esse teu pai sempre foi muito esperto. Um espertalhão e uma ingênua não podiam viver juntos. Mas a ingênua fez das suas.»

Ela envelhecera menos do que eu imaginava; no seu rosto ressurgia o olhar da Lina, como se eu visse minha mãe aos sessenta e sete anos, fazendo perguntas com uma voz que eu gostava de ouvir, diferente da voz da Ondina, que às vezes falava em francês e olhava de viés para Delinha, de pé ao lado do mapa de Santos, mãos entrelaçadas, à espera de uma ordem.

Ondina me deu a bússola alemã e fotos com meu avô no chalé, nas ruas e no porto do Macuco, talvez as mesmas que Lina prometera enviar para mim.

«Minha filha e aquele sujeito ainda andam por Minas? Quando você recebeu a última carta?»

Na cama do quarto onde eu dormia com minha mãe, me senti mareado pela emoção do encontro com as duas mulheres, a quem não via desde o Natal de 1967. Não tinha resposta para todas as perguntas da Ondina, nem podia falar da última carta da Lina, roubada pelos policiais. Ondina entenderia a suposição da Dinah, que atribuía a Rodolfo a invasão da casa da W3? Uma suposição falsa ou uma imaginação em busca da verdade? Recordei uma tarde no Poço Azul, o sonho de viver com a Dinah

numa casinha de caiçara na praia dos Pescadores, em Itanhaém; escutei um riso de mulher na Kombi calorenta, podia ver o rosto da Dinah e escutar o sussurro no meu ouvido: «A ingenuidade é uma das fraquezas da juventude, Martim.»

De madrugada, os passos da Delinha no corredor e o ruído da chuva me acordaram.

«Tua vó não quis dormir sozinha», ela disse no café da manhã. «Quando chove muito, ela tem medo de morrer afogada. Deito do lado dela, a gente reza de mãos dadas, pra afastar sonho ruim.»

Quando Ondina voltou da missa, me levou para visitar o túmulo do meu avô; mais tarde, no Café Paulista, falou de um almoço na casa de uma amiga, uma armênia que chegara com os pais ao porto de Santos em 1916; elas se conheceram no Colégio Stella Maris, uma década depois. «Minha amiga se casou com um advogado e foi morar em São Paulo. Você e tua mãe estavam naquele almoço.»

Lembrava sons de uma língua estranha na conversa da armênia com sua filha e, com mais nitidez, a comida e a sobremesa: bolinhos de grão-de-bico e cebola, folhas de uva recheadas com carne moída, compotas de rosas e figos, um pão delicioso com nome de santo.

«Você tinha doze anos? Onze?»

Deu boa-tarde a um casal de velhos e falou baixinho: «Você não se lembra de mais nada? Nem do que aconteceu quando saímos da casa da minha amiga?»

«A gente desceu a serra...»

«E aqui em Santos tua mãe padeceu... Teus pais se desentenderam na véspera daquele almoço. Lina me contou que foi agredida por Rodolfo, não quis me dizer o motivo.»

Não lembrava: talvez estivesse no colégio, não tinha certeza.

«Tua memória sabe esconder certas coisas. Quando teu avô faleceu, Lina passou uns dias no chalé. Eu disse que ela e o amante já estavam juntos antes da separação, traía o marido com o amigo do teu tio Dácio. Nunca vi esse artista. E, quando ela negou, eu disse que meu marido tinha me contado tudo. Eles eram cúmplices, e teu avô concordou com Lina. Ele não gostava do genro. Aceitou o casamento porque aceitava tudo. Mas não tinha criado uma filha para andar com qualquer um. Ela não esperou a missa do sétimo dia do teu avô, e só voltou para cá quando eu fiquei seca e adoeci. Sinto pavor de tempestade e de pesadelo, não sei o que é pior para minha cabeça. No hospital eu disse coisas absurdas para tua mãe, troquei a cabeça pelos pés, só para Lina passar um tempo perto de mim. Ela ia te ver em Goiânia, cancelou a viagem para ficar comigo, mas ficou poucos dias em Santos e foi pro interior de São Paulo.»

«Mas é verdade», eu disse, confuso, tentando convencer minha avó a acreditar na minha mãe.

«Verdade de uma circunstância. A doença, minha tristeza. Tua mãe se aproveitou dessa circunstância para não ir te ver. Por que não viajou antes ou depois para Goiânia ou Brasília? Ela esconde alguma coisa que eu quero descobrir antes de morrer.»

Bebeu um pouco de chá de hortelã e pôs os óculos para enxergar o valor da conta.

«Posso viver com a pensão do meu finado marido. Delinha me ajuda a fazer doces portugueses, vendo tudo para as padarias de Santos, São Vicente, Guarujá. Economizo para procurar tua mãe. Antes, ela pelo menos telefonava de vez em quando. Vou gastar com advogado, e até com a polícia, se for preciso. Mas não é só o dinheiro. Rezo todos os dias. Hoje mesmo, na missa, conversei com uma professora de francês do Stella Maris, ela me disse que eu ia encontrar minha filha.»

Beijou o pequeno retrato do pai dela e o crucifixo de ouro enganchados ao colar. Eu ia dizer que aquela professora tinha morrido, mas a fé e o amor de mãe são mais fortes que qualquer argumento.

Tirou da bolsa um envelope dobrado e entregou-o para mim. Carimbo postal de Brasília. Dei uma olhada nas folhas do histórico escolar, com a lista de disciplinas cursadas na UnB. Li o bilhete datilografado: «Os amigos ainda estão no ‘internato’. Nenhuma notícia sobre o ator do Norte. Um beijo. Saudades. D.»

Ondina me deu o dinheiro da passagem de volta para São Paulo e mostrou o cartão-postal de Boston, enviado por tio Dácio.

«Por que você está com essa cara? Essa moça é tua namorada?», perguntou, apontando o nome do remetente.

Nome e endereço falsos.

São Paulo, fevereiro, 1973

Antes do jantar, Verona apareceu no refeitório; sentamos no banco de uns oito metros de comprimento, um pouco menor que a mesa. Li na superfície de madeira palavras em baixo relevo: «O espírito torceu os pés... Diogo e o Bagre se amam pelo avesso... Peludo (primeiro colegial B) deu o rabo pro irmão AV.»

«Não adianta lixar a mesa, Martim. Os internos usam faca ou canivete para gravar o ódio e o preconceito.»

Uma cruz prateada brilhava no centro de uma parede cor de zinco, repleta de rabiscos e desenhos; um ventilador velho pendurado no teto emitia gemidos.

«Falei para o irmão diretor que você passou nos exames de seleção da FAU. Ele conheceu teus pais quando você estudou

aqui. Lina não era muito católica. Teu pai, sim, era um crente fiel até quando dormia. Por isso se separaram? Também por isso?»

«Minha mãe se apaixonou por um artista. Foram viver juntos num sítio no interior de São Paulo. Ela não quis que eu morasse com eles. Nem me deu o endereço.»

«Por quê? O que pode ter acontecido?», perguntou Verona em voz baixa.

Ficou uns segundos à espera de uma resposta, olhando com desprezo as palavras entalhadas na madeira. Levantou e, enquanto se afastava da mesa, pediu que eu saísse do dormitório depois do Carnaval, quando chegariam os demais internos.

Mais tarde, vi na luz fraca do refeitório os dentes amarelados e o risinho diabólico do Corcunda. Cortou a carne dura e fria com uma faca do tamanho de um punhal, encheu o prato de arroz e feijão; mastigava afobado e falava: «Vou a uma boate na rua Major Sertório. Quer ir comigo?»

Desviei o olhar do rosto esburacado, temendo revê-lo em algum sonho.

«A USP tá cheia de agitadores. Até no curso de geologia tem um líder subversivo. Na UnB tinha muitos grevistas?»

Levei o prato à cozinha e, quando voltava para o quarto, a voz do Corcunda ecoou no dormitório: «Tem muito veado e agitador na FAU, mas as meninas são lindas.»

Os passos do Corcunda trepidaram na escada. Eu imaginava sombras no corredor comprido, escutava estalos nas vigas e tesouras de madeira, murmúrios no pátio interno; fui até a janela: o pátio parecia um fosso. Ninguém lá embaixo. O relógio da torre da igreja, apagado. Recordei a única namorada que tive antes de me mudar para Brasília, ela morava no Jabaquara e a gente se encontrava de noitinha na praça da Árvore. Beijava o biquinho dos seios dela quando a gente se despedia no escuro,

depois ela ajeitava a blusa, corria para casa, e eu me masturbava sentado num banco da praça. Ri desse namoro, senti raiva do empenho militante da Dinah, dos fins de semana que ela passava entre Taguatinga e Ceilândia. Uma vez, quando encenou quase nua no Auditório Dois Candangos, foi ovacionada por centenas de marmanjos. Na última noite em Brasília, amanhecemos em silêncio, eu pensava nos amigos presos e na véspera, uma segunda-feira de escuridão e trovoadas, o sexo sem contorcionismo, os gestos e toques da mulher que me ensinara a amar.

Dinah havia escolhido a política e o teatro; dizia que era preciso evitar a desordem mental, a confusão de ideias, a ausência de rumo na vida, o vazio...

Pontos de fuga

«Viagem insone de Goiânia a São Paulo. Amanhecia sob o céu baixo e sem inocência da rodoviária. A cobertura de acrílico colorido refletia uma luz difusa na plataforma. O cheiro de óleo e fumaça, os mendigos largados no chão, as chamadas de embarque e as palavras de despedida da minha mãe na Flor do Paraíso lembravam a noite da viagem com meu pai a Brasília.»

Partidas, despedidas e regressos — a matéria da vida de Martim.

Conhecemo-lo ainda rapaz — em *A noite da espera*, primeiro volume da trilogia «O lugar mais sombrio» —, a chegar a Brasília, a cidade de todas as novidades, num momento em que recomeçar parece possível, apesar da dor da separação da mãe.

E vemo-lo, cinco anos depois, mais maduro, a abandonar a capital, e todos os sonhos e desilusões que ela abarcou, de regresso a São Paulo.

Vai em fuga, do cerco pesado da ditadura, da saudade da mãe, da relação opressiva com o pai, da ligação a Dinah, a mulher que o ensinou a amar. Impele-o o objetivo de estudar Arquitetura, e começar de novo. Numa república de estudantes, cria novos laços, volta a experimentar o amor e vai forjando uma identidade à sombra de um país que ameaça esboroar-se a qualquer momento.

Martim voltará a partir, para Paris, num ciclo que parece o de um eterno exílio. Quantas vezes é possível recomeçar? Quantas partidas são necessárias para silenciar os fantasmas do passado?



ROMANCE FINALISTA DO PRÉMIO SÃO PAULO DE LITERATURA AUTOR TRÊS VEZES VENCEDOR DO PRÉMIO JABUTI

«Como viver num tempo trágico e numa terra trágica?» Essa dúvida, que anima os dias de hoje, talvez seja o nosso ponto de fuga, para onde convergem as inquietações dos tempos atuais.»

Rita Palmeira, *Quatro cinco um* (sobre *Pontos de fuga*)

«A atmosfera de erotismo, política e cultura aproxima o livro de Hatoum do clássico *A educação sentimental*, de Gustave Flaubert. [...] A trilogia de Hatoum poderá ser a grande obra de reflexão — com fôlego narrativo e atraente ao público — que se esperava na literatura brasileira contemporânea. Não se trata mais de denunciar violências da ditadura militar, mas sim de refletir sobre o que restou dos tempos sombrios e o que não se consegue sepultar de vez.»

Enio Vieira, *Estado de Minas* (sobre *A noite da espera*)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-898-5



9 789895 898985